DE VOLTA ÀS RUAS

Fraude no Enem cria movimento estudantil e, além do prejuízo financeiro, põe em xeque o sonho de acabar com o vestibular

Larissa Domingos

REVOLTA Estudantes da Nove protestam no Rio: Ubes contesta apartidarismo

Quando arquitetaram o roubo da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), os fraudadores jamais poderiam imaginar que estavam detonando uma bomba política. A primeira conseqüência foi a desmoralização de um dos principais alicerces do projeto educacional do governo federal, causando um prejuízo de cerca de R$ 35 milhões, que provocou críticas da oposição. A segunda reflete a indignação dos 4,1 milhões de inscritos no exame: o surgimento da Nova Organização Voluntária Estudantil (Nove), um movimento autointitulado apartidário, pacifista e ativo que, a despeito de seus adjetivos, ganha importância por ser um contraponto às tradicionais União Nacional dos Estudantes (UNE) e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes).

O grupo escolheu os locais históricos do movimento estudantil brasileiro para realizar as suas primeiras passeatas no Rio de Janeiro - um deles o saguão do prédio do Ministério da Educação, onde, na década de 1960, estudantes entravam em embate com a polícia. Marcharam também pela Cinelândia e avenida Rio Branco, cenário da passeata dos 100 mil, ocorrida em 1968. A Nove critica a Ubes e a UNE pela ausência nas escolas e o silêncio perante o recente caso do Enem. O novo movimento tenta mostrar o quanto as tradicionais organizações estudantis se afastaram de seus ideais em defesa da educação, seduzidas pelas benesses do governo Lula. Começou com 12 estudantes de classe média, usou as redes sociais para a mobilização e, na segunda-feira 5, levou 200 estudantes vestidos de branco, com narizes de palhaço e faixas e cartazes para o centro do Rio. "Não temos a intenção de substituir a UNE. Não somos contra a Ubes. Mas não podemos negar que os movimentos tradicionais vivem distantes da classe estudantil", explicou Carolina de Lamare, uma das fundadoras da Nove, que estuda no Colégio Santo Inácio, um dos mais caros do Rio.

"A fraude complicou a situação do sistema universitário. Houve um apagão"
José Serra, governador de São Paulo

Pega de surpresa pelo sucesso do novo grupo estudantil, a UNE já acenou com uma tentativa de composição. O presidente da entidade, Augusto Chagas, convidou a Nove para ir a Brasília entregar um documento reivindicando mais investimentos para a educação. A "galera" da Nove declinou do convite com uma alegação simples: tinha que estudar para o vestibular. O presidente da Ubes, Ismael Cardoso, rebateu as críticas feitas pela Nove. Ele ressaltou que a entidade já havia criticado a pressa do MEC em implementar o novo modelo do Enem que unifica os vestibulares e realizou manifestações contra a violação da prova. A Ubes organizará um ato na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no dia 15 de outubro e promete pressionar instituições como USP e Unicamp a utilizar o Enem no processo de seleção mesmo com o adiamento da prova. "Um movimento que

surge para responder a uma questão imediata não tem autoridade para criticar a Ubes, com 60 anos de história. Estão usando uma revolta justa dos estudantes em relação ao Enem para criticar a Ubes e a UNE", diz. Cardoso contesta ainda a declaração dos integrantes da Nove de que o movimento é apartidário. Segundo o presidente da Ubes, o grupo conta com pessoas ligadas à Assembléia Nacional de Estudantes Livre (Anel), criada em junho deste ano por militantes do PSTU para se contrapor à UNE. "Nada contra, mas o que eles não podem dizer é que o movimento é apartidário."

"Proposta de acabar com vestibular não pode sucumbir pela ação de delinquentes"
Fernando Haddad, ministro da Educação

A divisão do movimento estudantil é apenas uma parte do prejuízo político do governo com a fraude. O governador de São Paulo, José Serra (PSDB), ao mesmo tempo que se ofereceu para ajudar, aproveitou para emplacar um termo com grande conotação eleitoral ao definir a crise: "A fraude do Enem complicou a situação do sistema universitário que confiou no seu funcionamento. Houve uma espécie de apagão." O ministro da Educação, Fernando Haddad, afirmou que vai dar a volta por cima. "A proposta de acabar com esta chaga que é o vestibular e redirecionar o ensino médio não pode sucumbir pela ação de delinqüentes", disse.

Por enquanto, os estudantes serão obrigados a enfrentar o transtorno causado pela mudança de datas. O teste, agendado para 3 e 4 de outubro, foi cancelado na madrugada de 1° de outubro

RESUMO DA PROVA
O impacto da fraude no Enem

O que é?
É um exame voluntário para alunos que concluíram o ensino médio. Criado em 1998 como avaliação do desempenho dos estudantes, visa centralizar os exames seletivos para democratizar o acesso às universidades

Por que prestar?
Reformulado pelo MEC neste ano, o exame participa do critério de seleção de universidades e foi adotado como teste único em algumas instituições. Ele também auxilia os alunos a obter vagas do ProUni (Programa Universidade para Todos)

Reação nas principais universidades*

Descartaram o uso da nota
USP, Unicamp, PUC-SP, PUC-MG e PUC-Campinas

18 universidades já transferiram as provas
Fatec-SP, UEA, Uneb, Uema, Uems, Unioeste, UEPG, Uerj, Uemg, UnB, UFC, Unitau, PUC-RS, entre outras

Não definiram nova data
FGV/Eaesp, Eags, Ueap, UEG, Unesp, Uepa, UFS e UFU

24 das 55 universidades federais usarão o Enem como única forma de seleção

4,1 milhões de estudantes inscritos

R$ 116 milhões é o custo para realizar a prova

R$ 35 milhões é o prejuízo com o vazamento

Fontes: MEC e universidades *Até a quinta-feira 8/10

FOTOS: EURICO DANTAS/EXTRA/AG. O GLOBO; FABIANO CERCHIARI/AE; BRIZZA CAVALCANTE

depois de o jornal "O Estado de S. Paulo" denunciar o roubo e divulgar o conteúdo da prova. Devido à logística de impressão e distribuição, o novo exame foi marcado para 5 *e 6* de dezembro, dois meses após a data original. "Estou chateada. Além do esforço feito, deixarei de prestar a prova da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)", disse Isabela Piccirillo, 18 anos, moradora de Ribeirão Preto e vestibulanda de engenharia de produção.

MENTOR Pradella foi indiciado por peculato, quebra de sigilo e ameaça de morte

Para a Polícia Federal, o caso da fraude já está esclarecido e, agora, os cinco envolvidos no roubo e venda das questões do exame - Felipe Pradella, Gregory Camillo de Oliveira Craid, Luciano Rodrigues, Felipe Ribeiro e Marcelo Sena - devem aguardar a tramitação do processo com os inquéritos encaminhados para o Ministério Público. Rodrigues e Craid foram indiciados por quebra de sigilo funcional. Pradella, Ribeiro e Sena, além desses crimes, vão responder por peculato. Pradella, que, de acordo com a PF, é considerado o mentor do crime, ainda responderá pela suspeita de ter ameaçado de morte a jornalista Renata Cafardo, do jornal "O Estado de S. Paulo". Após a fraude, o contrato com o consórcio Connasel, responsável pela aplicação do Enem, foi rompido, apesar de a empresa ter negado falhas na segurança. O MEC agora negocia a contratação do Cespe e da Cesgranrio para realizar o Enem e irá pedir na Justiça o ressarcimento do prejuízo milionário. Mas as perdas políticas podem ser ainda maiores. •

Colaboraram: Ana Carolina Saito, Wilson Aquino (RJ) e Hugo Marques (DF)

Leonardo Attuch

attuch@istoe.com.br

TERROR QUE VOCÊ PAGA

Sai do seu bolso o dinheiro de quem sobe num trator e destrói sete mil pés de laranja

Sete mil pés de laranja no chão. Derrubados por um trator conduzido por um integrante do MST, numa fazenda invadida no interior de São Paulo. Mas quem era mesmo o cidadão anônimo, protegido por um boné, que dirigia o trator? Um lavrador, um camponês, um marginal? Não, os pés que aceleravam aquela máquina eram meus, seus, de cada um dos brasileiros. O motorista era apenas um dos nossos empregados, quase um funcionário público. No Brasil de hoje, o MST é um braço oficial do Estado. E somos o único país do mundo que financia seu próprio terrorismo. Pagamos para que eles destruam plantações, invadam ministérios, depredem o Congresso e, em situações extremas, cometam até assassinatos, que chegam a ser classificados como atitudes "arrojadas" pelo ministro da Justiça, Tarso Genro.

De janeiro a setembro de 2009, diversas entidades ligadas ao MST já receberam mais de R$ 15 milhões em convênios firmados com o governo federal - nos últimos quatro anos, foram mais de R$ 50 milhões. A mais forte delas é a Associação Nacional de Cooperação Agrícola, a Anca. E o que se faz com o dinheiro, quase ninguém sabe, porque não há prestação de contas. Justamente por isso, deputados e senadores passaram a recolher assinaturas para instalar uma CPI mista sobre o assunto. Ela só não saiu até agora porque o governo, que deveria ser o maior interessado em dar transparência ao que se faz com o dinheiro público, tem usado suas verbas e o peso de sua maioria para barrar qualquer iniciativa parlamentar contra os sem-terra.

Nesse jogo, o líder da bancada do MST no Congresso tem sido o próprio presidente do Senado, José Sarney. Como ainda tem contas a pagar à sociedade e dívidas de gratidão com o governo Lula, ele passou a defender os invasores e disse ser contra a "criminalização" dos movimentos sociais. Rezando pela cartilha do PT, o senador do Maranhão tem conseguido manter intacto um dos maiores latifúndios improdutivos do País - o do setor elétrico, que é quase uma capitania hereditária concedida por Lula à família Sarney.

Intocáveis, inimputáveis e cada vez mais ousados, os líderes do MST já mandam no Executivo, no Legislativo e intimidam o Judiciário. Recentemente, o promotor de Justiça Gilberto Thums desistiu de mover ações contra o movimento por se sentir ameaçado. Recebeu gravações de suas conversas e foi vítima de um atentado. "Se a luta não for de todos, não é de ninguém", disse Thums, ao jogar a toalha. Ele fez bem. No Brasil de hoje, cada vez mais acovardado, somos todos sem-terra. Terroristas e exterminadores de pomares.

FOTO: EVELSON DE FREITAS/AE

DOMINGOS, Larissa. De volta às ruas. **Istoé**, São Paulo, ano 32, n. 2083, p. 48-50, 14 out. 2009.